

**C**HAMA-SE Francisco Nhantumbo, tem 29 anos. Ingressou nas Forças Armadas de Moçambique em 1987, e ostenta a patente de alferes.

Em Agosto de 1988 foi capturado pela Renamo, durante um combate, na localidade de Mavila, na província de Inhambane.

Encontrei-o na cidade da Maxixe, também na província de Inhambane, era uma segunda-feira. Combinámos uma conversa sobre a sua vida nas mãos da Renamo.

A esplanada do Hotel «Golfinho Azul» foi o local escolhido para o encontro. Às 15 horas de sexta-feira, sentados e de vista para a bala que ostenta o nome da província, Nhantumbo recorda o que foram os cerca de cinco meses que viveu na base da Renamo, como prisioneiro.

Sem rodeios, Nhantumbo conta como tudo aconteceu, naquela madrugada do dia 1 de Agosto de 1988.

«Eu era novo na zona de Mavila, era o meu primeiro combate... foi um ataque de surpresa».

O alferes Nhantumbo põe a mão na cabeça, como que para recordar qualquer coisa que lhe escapa, e afirma: «a posição das tropas de Mavila, nessa altura, era constituída maioritariamente por recrutas».

«...Consegui fugir para a trincheira, donde comecei a disparar, e só quando o fogo acalmou saí da trincheira, isto depois de ouvir toda a gente dizer que os bandidos se tinham posto em fuga».

«Então comecei a procurar os meus recrutas, e foi quando, para meu espanto, apareceram-me seis a sete homens fardados, que perguntaram como é que me chamava».

Nhantumbo faz uma pausa, ajeita a barba, arregala os olhos, faz primeiro uns gestos e, «daí vi que não se tratava dos meus recrutas e muito menos, de qualquer soldado da posição de Mavila; eu consegui correr até uma barraca, onde-me escondi atrás da porta».

«Um dos bandidos entrou na barraca e como não me localizou, saiu e incendiou-a», conta o alferes acrescentando que «quando vi que a barraca estava sendo devorada pelo fogo, tratei de escapar e escondi-me depois numa casa já abandonada que, em tempos, foi um internato».

«Foi aí que os gajos me capturaram. Tiraram-me o camuflado militar e deram-me um calção. Amarraram-me os braços e taparam os meus olhos com um pano».

Aquele oficial acrescentou que a partir daí «só sei que percorremos uma distância de mais de 70 quilómetros, onde depois de termos atravessado o rio Inharrime, entrámos na base dos bandidos em Guambene, no distrito de Zavala».

Nhantumbo diz ter ficado nesta base quase duas semanas, donde foi levado no dia 16 de Agosto daquele mesmo ano para a localidade de Nhamugue, no limite entre os distritos de

## Inhambane

# História de um militar capturado pela Renamo

por Sérgio Ngoca, da AIM, exclusivo para "Domingo"

Homoíne e Funhalouro. «Era a base provincial dos bandidos em Inhambane», afirma.

Na base da Renamo em Nhamugue, o alferes disse ter ficado acorrentado a uma árvore, aproximadamente três meses.

«Puseram-me uma corrente na cintura e depois amarraram-me a uma árvore desde o dia 17 de Agosto até ao dia 14 de Novembro de 1988», disse Nhantumbo.

Acrescentou que durante esse tempo era guarnecido por quatro elementos da Renamo, até que «no dia nove de Dezembro consegui fugir».

Segundo o alferes Nhantumbo, a sua fuga da base provincial da Renamo deu-se quando «três dos meus capangas saíram, para, como diziam, ir ver as mulheres que os outros bandidos tinham conseguido trazer para a base, depois de um ataque em Homoíne».

Para a sua fuga, Nhantumbo diz ter usado muita astúcia. «O meu guarda estava a dormir, acordei-o, gritei que me acompanhasse para ir fazer necessidades, insisti mais de três vezes e como não respondesse, tentei a sorte e quando já passavam das 20 horas pus-me a correr pelo mato».

O alferes conta que a sua fuga, durou quatro dias, «andava toda a noite e de dia dormia em cima das árvores».

Salientou que para a fuga «valeu muito ser época do caju, porque os bandidos nas noites não se movimentavam, ficando a beber sumo de caju».

Nhantumbo disse, ainda, que só conseguiu chegar à sede do distrito de Panda no dia 12 de Dezembro, de onde foi encaminhado para o comando militar provincial.

Aquele oficial contou também algumas das atrocidades que presenciou durante o percurso que o levou até à base da Renamo.

«Vi uma criança que caiu do colo da mãe, numa zona enlameada, afundar-se», disse acrescentando que «quando a mãe se preparava para apanhar a criança os bandidos disseram-na para que a deixasse».

«Essa criança não sai da minha imagem», afirmou o alferes Nhantumbo, adiantando, que «sempre que ouço gritos de qualquer criança vem-me logo à memória aquela que os bandidos deixaram enterrar-se viva no matope».

Salientou que «quando penso que não pude fazer nada por essa criança, vivo o momento mais terrível da minha vida. É imperdoável o que eles fizeram».

Nhantumbo disse, por outro lado, que «muitas pessoas que não aguentavam caminhar eram assassinadas a tiro e outras com armas brancas».

Acrescentou que «mesmo a mim queimaram-me a barba com cigarros e palitos de fósforo».

«Na base da Renamo, vi pessoas mortas ao relento. Para eles a vida das pessoas não tem valor», afirmou Nhantumbo, salientando ainda que «basta ver que na base da Renamo vi também senhoras que davam parto de qualquer maneira, chegando por vezes os bandidos a assassinar o recém-nascido, sem qualquer motivo».

O alferes Nhantumbo disse também que depois da sua fuga, soube através de um elemento da Renamo que se entregou às tropas governamentais, que «o Presidente Dlakama havia solicitado a minha presença na base central de Gorongosa».

De acordo com o alferes Nhantumbo, «o elemento da Renamo que se veio entregar era da contra-inteligência dos bandidos e a sua fuga deu-se logo depois que tomou conhecimento que eu tinha conseguido fugir».

Este bandido, segundo o alferes Nhantumbo, «disse-me que a mensagem do Dlakama dizia que eu seria enviado para a Arábia Saudita, onde iria aprender a pilotar aviões».

«...Vi muita coisa terrível na base da Renamo...», assim terminou a conversa com o alferes Nhantumbo.